

Editorial

O céu se desenferrou, o sol estava com vontade de aparecer.
Um galo cantou, houve nos ramos um rebuliço de penas.
(Graciliano Ramos)

Até o momento em que escrevemos o presente Editorial, em agosto de 2023, o Brasil perdeu aproximadamente 705 mil pessoas para a pandemia da Covid-19¹. Em depoimento à Comissão Parlamentar de Inquérito da Pandemia (CPI da Pandemia), em 24 de junho de 2021, o epidemiologista, professor e pesquisador da Universidade Federal de Pelotas Pedro Hallal estima que “quatro de cada cinco mortes teriam sido evitadas se estivéssemos na média mundial”².

Vivenciar o caos sanitário e a perda de entes queridos – familiares ou não – decorrentes da incompetência de autoridades públicas civis e militares, certamente, está entre as experiências coletivas mais violentas e marcantes da História brasileira. Ao mesmo tempo, pudemos confirmar no cotidiano a afirmação que parece ser consenso entre pesquisadores acadêmicos dos mais distintos campos e áreas do saber: o mundo em si não é evidente. É em função disso que existem as Artes, as Filosofias e as Ciências, para tentar compreender o funcionamento dos mais diversos tipos de fenômenos que afetam os seres humanos e a natureza como um todo.

Quando fomos convidados pela *Araripe: Revista de Filosofia* a elaborar um número especial sobre o negacionismo e seus impactos na sociedade contemporânea ao longo do tempo, tínhamos em mente a necessidade de englobar os múltiplos olhares teóricos sobre o problema. Além disso, entendemos que essa seria uma singela contribuição da academia brasileira na elaboração dos sentidos – ou na compreensão dos absurdos – associados ao trauma coletivo de enfrentar, a um só tempo, uma das epidemias mais mortais da história mundial e uma política de

¹ A esse respeito, consultar: <https://covid.saude.gov.br/>. Acesso em: 16/08/2023.

² A esse respeito, consultar: <https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2021/06/24/pesquisas-apontam-que-400-mil-mortes-poderiam-ser-evitadas-governistas-questionam>. Acesso em: 16/08/2023.



morte deliberada no país – necropolítica³ – que parecia funcionar como uma espécie de Doutrina do Choque⁴ das autoridades civis e militares nacionais contra sua própria população.

Nesse sentido, o *Dossiê Negacionismo sob Múltiplos Olhares* ora publicado pretende contribuir para que a História da Ciência sirva para iluminar o entendimento da história da negação da Ciência. Há um recrudescimento preocupante do negacionismo na atualidade, não apenas no Brasil, mas em várias sociedades consideradas socioeconomicamente mais desenvolvidas. O que é negacionismo? Quais são suas características? Trata-se de um fenômeno único ou múltiplo, exclusivo ou integrado? Como ele se organiza nos aspectos educacionais, filosóficos, científicos, psíquicos, linguísticos e midiáticos? Quais as suas semelhanças e diferenças ao longo do tempo? É possível superá-lo? De que modo o negacionismo afeta os distintos tipos de saber acadêmico e como se integra em uma visão tendencialmente global do mundo?

Essas foram algumas das questões que colocamos às pesquisadoras e aos pesquisadores que nos auxiliaram nessa empreitada investigativa. Como dissemos, o nosso principal objetivo era justamente produzir um olhar multifacetado sobre os impactos da negação do saber acadêmico na organização social da vida coletiva tanto sob um ponto de vista histórico (diacrônico) quanto contemporâneo (sincrônico). Como qualquer outro saber, a atividade de pesquisa não é evidente por si, de modo que precisa constantemente construir a autoridade, a legitimidade e a credibilidade dos seus modelos teóricos, a fim de respeitar e persuadir as culturas não acadêmicas na qual se desenvolve. A oposição saber *versus* ignorância parece muito limitada para compreender o embate entre os horizontes cognitivos de compreensão e de explicação da realidade, como se pudesse haver uma visão última e homogênea do mundo por qualquer que seja a perspectiva.

O olhar inter e multidisciplinar sobre o negacionismo encontrado nesse número especial engloba especialistas de variadas áreas com o intuito de analisá-lo a partir dos seus distintos campos de estudo, tendo como desafio transdisciplinar a tentativa de explicar sua (re)emergência no século XXI. Se não podemos ser conclusivos a respeito das questões supracitadas, dada a complexidade envolvida e pelo fato de que a produtividade acadêmica decorre exatamente do debate, nunca do fechamento dogmático das respostas, julgamos que os trabalhos publicados apresentam reflexões à altura dos desafios inicialmente postos. Como expressa magistralmente

³ Achille Mbembe. *Necropolítica*: biopoder, soberania, estado de exceção, política da morte. Tradução de Renata Santini. São Paulo: N-1 edições, 2018.

⁴ Naomi Klein. *A doutrina do choque*: a ascensão do capitalismo de desastre. Tradução Vania Cury. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.



Quintana, “*Se as coisas são inatingíveis... ora!/Não é motivo para não querê-las.../Que tristes os caminhos, se não fora/A presença distante das estrelas!*”⁵.

Nossa pretensão é que história, teoria e prática investigativa se encontrem nesse gesto de análise compartilhado, com o fito de percebermos as mudanças e as permanências do fenômeno ao longo do tempo, os limites e as potencialidades epistêmicos e as suas formas de transformação nas sociedades mais ou menos engajadas com o conhecimento solidamente fundamentado. Tanto quanto necessário dialogar com a sociedade fora dos “muros da Universidade”, é fundamental debatermos com os nossos próprios pares, de modo a entendermos melhor o “fenômeno social” do negacionismo. Tendo isso por pressuposto, passamos agora a uma breve apresentação de cada um dos textos que compõem o nosso número especial.

O primeiro artigo, intitulado **Comentários sobre as origens filosóficas e implicações do negacionismo**, escrito a quatro mãos pelos físicos Francisco Caruso e Adílio Jorge Marques, mobiliza instrumentais teóricos oriundos do campo filosófico para refletir sobre as origens históricas do negacionismo. O trabalho parte de conceitos fundamentais às práticas filosófica e científica ocidentais, como são os casos de verdade e de *episteme*, para dar contornos claros aos debates que envolvem a relação entre História e Ciência, entre conhecimento e prática (incluindo a prática que institui o próprio conhecimento como saber socialmente válido). Para Caruso & Marques, o período pós-industrial reconfigurou de maneira marcante a concepção de sujeito e suas relações com o trabalho. É nesse bojo que avaliam o que definem como práxis negacionista, analisando suas ancoragens filosóficas e os efeitos dessas ações.

O segundo, **O negacionismo não é uma forma de ceticismo**, escrito pelos filósofos Italo Lins Lemos e Renato Cesar Cani, avança nas diferenças existentes entre o ceticismo, associado à dúvida prudente antes de aderir a uma determinada tese, e o negacionismo, ancorado justamente na desconsideração dessa prudência na adesão a pensamentos dogmáticos e conspiratórios. Tendo isso por pressuposto, Lemos & Cani sustentam que o negacionismo se constitui por um duplo processo: primeiro, o de negação, momento que desconsidera os métodos e os resultados produzidos de acordo com a lógica científica, promovendo, em seu lugar, teorias da conspiração; segundo, o da afirmação, movimento que promove a extensão inconsistente dos conceitos em vez da suspensão do juízo – típico da perspectiva cética – em situações nas quais ocorrem divergências de posicionamento sobre um determinado fenômeno.

⁵ Mario Quintana. *Espelho Mágico*. Porto Alegre: Editora Globo, 1951.



O artigo seguinte, com o título **A contribuição nefasta da revista *Nature* para o negacionismo**, sob a pena do biólogo Thiago Lustosa Jucá, do arquiteto Rérisson Máximo e da bióloga Muciana Aracely da Silva Cunha, avalia o papel de um dos principais periódicos acadêmicos do mundo para a legitimação das teorias pseudocientíficas do Evolucionismo Social e da Eugenia na primeira metade do século XX. Conforme apontam os autores, a revista *Nature* teria contribuído para o estabelecimento do conceito de raça como fenômeno biológico, ideologia estruturante de sistemas políticos autoritários, violentos e genocidas ao redor do planeta, como são os casos do Escravismo, do Colonialismo e do *Apartheid*. Ademais, Jucá, Máximo & Cunha demonstram a relação entre a importância de garantir verniz científico a tais teorias pseudocientíficas e as vantagens político-econômicas para a expansão dos interesses capitalistas ao longo do último século, garantindo-lhe hegemonia global. Ainda hoje, podemos notar os efeitos nefastos de se considerar indivíduos e povos como sendo inferiores em vista da sua “racialidade”, alimentando argumentos negacionistas e projetos de dominação social.

O filósofo José André Ribeiro nos brinda com o quarto artigo, sob o título de **Redes sociais e o negacionismo como indiferença**, no qual discute o papel da lógica viciante dos ambientes digitais na difusão de conteúdos negacionistas e de teorias conspiratórias. Alinhados ao modelo econômico das empresas de tecnologia do Vale do Silício, essas novas ferramentas comunicacionais priorizam a captação da atenção dos usuários para produzirem engajamentos e moldar comportamentos individuais e coletivos. Em vista disso, os conteúdos que promovem maior interação acabam por suplantar em circulação aqueles considerados cientificamente organizados. No intuito de pontuar de forma clara e didática esse debate, Ribeiro analisa a narrativa cinematográfica distópica “Não olhe para cima”, na qual o embate entre comunicação digital e linguagem científica são contrastados de forma irônica e educativa.

A docente da área da Educação Patrícia Ribeiro Feitosa Lima, o pesquisador do campo da Educação Física Nilson Vieira Pinto, o psicólogo Raul Aragão Martins e o biólogo Rogério Parentoni Martins são responsáveis pelo quinto texto do Dossiê, no qual tratam dos **Agravos do negacionismo na educação escolar**. Seguindo os preceitos freireanos da educação como prática de liberdade e da escola como espaço de cultivo do pensamento crítico e emancipatório, os pesquisadores avaliam os impactos do negacionismo na formação pedagógica dos(as) nossos(as) estudantes, bem como sua relação com as ações violentas e extremistas dentro e fora do espaço escolar. A negação de evidências científicas corroboradas, no dizer de Lima, Pinto, Martins & Martins, está diretamente atrelada ao fortalecimento de determinados projetos de poder,



ressaltando, assim como os demais textos do nosso Dossiê, a estreita relação entre a produção dos saberes e as relações de poder nas sociedades. A defesa do Terraplanismo, a promoção das “cruzadas” anti-vacinação, a disseminação de notícias falsas e o descrédito na Ciência, em especial na Medicina, atuam, simultaneamente, para a destruição de saberes cientificamente consolidados e para o descrédito da democracia como sistema político que busca promover a cidadania e a dignidade humana.

Em seguida, o sexto artigo, intitulado **Ecologia linguística da palavra-chave “negacionismo”**: do elemento linguístico a uma crítica sociocultural de um fenômeno difuso, escrito pelo linguista Cláudio Márcio do Carmo, promove uma aproximação profícua entre a Análise Crítica do Discurso (ACD) e a Linguística de *Corpus* (LC) para analisar as ocorrências da palavra-chave “negacionismo” em textos midiáticos. Valendo-se de instrumentais teóricos quali-quantitativos e tendo por metodologia fundamental o pensamento dialético, Carmo produz uma série de questionamentos e sistematizações bastante produtivos para pensarmos o problema a partir da sua definição conceitual, da materialidade simbólica dos argumentos negacionistas e do seu funcionamento no universo comportamental.

Com **A escrita da história e a produção de memórias na formação dos restos da ditadura e do autoritarismo contemporâneo brasileiro**, o sétimo artigo do número especial, o linguista Israel de Sá busca nos “restos da história” brasileira, isto é, nas marcas que a Ditadura Militar brasileira (1964 a 1985) deixou no nosso presente, os fundamentos da emergência dos negacionismos contemporâneos no país. Com isso, contribui, de um lado, para a compreensão das relações entre produção da memória, políticas de esquecimento e falseamentos discursivos da História e, de outro, para o entendimento de como a memória oficial do regime militar brasileiro continua perpassando os discursos gestados nos campos escolar, jornalístico e historiográfico brasileiros. Consoante Sá, a perspectiva arqueogenealógica foucaultiana permite avançar na reflexão de como o negacionismo histórico fundamenta o autoritarismo contemporâneo no país, o qual tem na violência contra os povos originários uma das suas faces mais cruas e explícitas.

O psicólogo Domenico Uhng Hur, em **A Negação como estratégia psicopolítica: o caso do bolsonarismo**, oitavo texto do Dossiê, propõe a negação como cerne estratégico da organização psicopolítica do movimento bolsonarista. Para tanto, Hur se utiliza de conceitos oriundos da Psicologia Política, da Esquizoanálise e da Psicanálise de Grupo para sugerir que o mecanismo de negação funciona, simultaneamente, como estratégia discursiva, lógica cognitiva, impulsionador de antagonismos coletivos e micropolítica do ódio, sendo esta última característica



aquela que prepara o terreno para a busca de um líder.

Encerrando a seção de artigos e dando continuidade à diversidade de áreas do saber contempladas pelo número temático, os biólogos Gabriel Menezes Viana, Rodolfo Dias de Araújo e Francisco Ângelo Coutinho lançam mão das contribuições filosóficas, sociológicas e antropológicas de Bruno Latour, Anne-Marie Mol e John Law para escreverem o nono texto, sob o título de **Contribuições para a compreensão do negacionismo científico a partir da teoria ator-rede: o estudo de uma comunidade antivacina no Facebook**. Para esse propósito, mapeiam os processos de atuação e de construção de realidades por parte de um grupo de negacionistas da vacina. Viana, Araújo & Coutinho se ancoram, então, na Análise de Rede Social (ARS) para examinarem postagens e comentários publicados nessa rede social durante o período de março a abril de 2021. Como conclusões, o trabalho permite vislumbrar caminhos sobre como a academia deve agir para enfrentar os ataques que tem sofrido por movimentos contrários às Ciências, modo pelo qual a universidade também avançaria no fortalecimento da democracia e no estabelecimento do que chamam de “bom mundo comum”.

João Paulo Maciel de Araujo abre a seção de resenhas com **Crenças e conhecimento científico – resenha do livro *Ciência e pseudociência: por que acreditamos apenas naquilo em que queremos acreditar* (Contexto, 2018), de Ronaldo Pilati**. Para o resenhista, a obra analisada é dotada de uma linguagem clara e acessível, cumprindo com o objetivo primordial da divulgação científica, além de nos ajudar a compreender o funcionamento das crenças humanas. Fazendo jus à clareza e à fluência textual de Pilati, Araujo nos leva a refletir sobre como o livro busca demarcar as diferenças entre o pensamento científico e o pseudocientífico, tomando por base a seguinte questão: quais critérios tornam uma crença legítima e, portanto, confiável? Sendo a mente humana fundada por sistemas de crenças incongruentes entre si, a tarefa colocada pelo livro se mostra desafiadora. Para enfrentar esse caminho espinhoso, Pilati avalia a importância da postura cética e da Psicologia do Conhecimento para a definição e divulgação do saber científico. Nesse viés, a Ciência teria atualmente os desafios de lidar tanto com o excesso de informações a que somos submetidos diariamente quanto com os usos midiáticos dos argumentos de autoridade.

Logo a seguir, temos **De Marte para o Cariri: a ciência cidadã no primeiro pau-de-arara – resenha do livro *O dia em que voltamos de Marte: uma história da ciência e do poder com pistas para um novo presente* (Editora Crítica, 2021), de Tatiana Roque**, na qual Thiago Lustosa Jucá ressalta a importância da obra analisada para que possamos compreender as múltiplas falhas envolvidas na produção e na divulgação científica. Tais deficiências podem estar



associadas ao fortalecimento do negacionismo no atual contexto do país. Tendo isso por pressuposto, o livro coloca luzes sobre polêmicas como o questionamento da distribuição democrática dos bônus relacionados aos avanços científicos e o diálogo ainda escasso, quase inexistente, entre o saber científico e aqueles produzidos pelos povos originários, sendo estes últimos geralmente colocados em posições de inferioridade, de dominação e de subjugação.

Vitor Vieira Ferreira escreve sobre um dos títulos de maior repercussão nos últimos anos para a compreensão da extrema-direita brasileira contemporânea, propondo o texto **Nas tramas discursivas do bolsonarismo – resenha de *Guerra cultural e retórica do ódio* (Editora e Livraria Caminhos, 2021), de João Cezar de Castro Rocha**. Na pena de Vitor Vieira, a publicação de João Cezar Rocha se mostra como leitura obrigatória para quem busca compreender o fenômeno bolsonarista como termo guarda-chuva, uma vez que engloba em seu cerne um movimento complexo e multifacetado composto por grupos de distintas tradições e características. Para além de uma explicação voltada para o presente, *Guerra cultural e retórica do ódio* retorna à esteira da abertura democrática brasileira para compreender como é gestado o ultraconservadorismo militar que ganhou força na esfera pública nos últimos anos. Segundo o estudo, as raízes ideológicas que sustentam o bolsonarismo devem ser buscadas antes do próprio personagem que o representa e lhe dá nome, assim como seus efeitos devem ser considerados para além da permanência do próprio Bolsonaro. O resenhista ressalta, por fim, que a análise de João Cezar Rocha demonstra a complexidade e a profundidade do ultraconservadorismo militar na gestação e no desenvolvimento da própria Nova República brasileira.

Finalizando a seção de resenhas, José Adeildo Bezerra de Oliveira destaca a importância de se voltar a debater a relação entre discurso político e factualidade no contexto atual, assinando o texto **Um apelo aos fatos – resenha do livro *Existe democracia sem verdade factual?* (Estação das Letras e Cores, 2019), de Eugênio Bucci**. Para Adeildo Oliveira, Bucci tem o mérito de realizar uma releitura clara e densa da tradição iluminista a partir da crise do conceito de verdade factual nas sociedades contemporâneas. O pilar teórico central da obra avaliada é o texto “Verdade e política”, escrito por Hannah Arendt e publicado na revista *The New Yorker*, em 1967. Almejando evitar o problema metafísico da verdade, Bucci desloca o debate para a relação entre instituições centrais às sociedades ocidentais – como são os casos das bibliotecas, da imprensa e dos dispositivos de comunicação – e a construção do que pode ser considerado verdadeiro. Para o jornalista, o conhecimento validado cientificamente deve fundamentar os discursos políticos e os debates públicos, sob o risco de perdermos qualquer norte ou parâmetro para discutirmos os



melhores caminhos a serem seguidos por nossas sociedades. Em especial, a brasileira.

A última seção do Dossiê foi destinada à tradução de textos que contribuirão para o cenário acadêmico e pedagógico brasileiro. Nosso intuito, é garantir a toda(o)s o acesso gratuito a textos de qualidade, fomentando, com isso, reflexões sobre o problema do negacionismo tanto no Ensino Fundamental e Médio como no Ensino Superior. Uma das barreiras fundamentais que ainda encontramos na divulgação científica é justamente o do domínio das línguas estrangeiras. Portanto, traduzir textos – clássicos ou atuais – contribui para facilitar a chegada à produção teórica sobre os temas tratados, para divulgar autores estrangeiros no cenário nacional e, claro, para alinhar o nosso debate com aquilo que tem sido produzido alhures no cenário global.

A tradução realizada por André Ferreira Porfírio de **Ciência e pseudociência**, de Thomas Henry Huxley, mostra-nos que, longe de se tratar de uma questão restrita ao presente, o pensamento científico se desenvolve ao longo da sua história através de debates com outros campos do saber, como é o caso do religioso. Nesse texto, Thomas Huxley, também conhecido pela alcunha de “O Buldogue de Darwin”, dado o seu alinhamento na defesa da Teoria da Evolução, busca responder as críticas realizadas pelo Duque de Argyll ao seu pensamento. Mobilizando uma linguagem respeitosa, argumentativamente precisa e, por vezes, irônica, o naturalista britânico se detém em cada um dos argumentos apontados pelo Duque na tentativa de promover a primazia da concepção teológica sobre o pensamento científico. Apesar de se tratar de um texto do século XIX, como o(a) leitor(a) poderá notar, os pilares utilizados por Huxley para desconstruir a argumentação do teólogo continuam bastante atuais, podendo auxiliar na construção de um debate profícuo acerca dos fatos científicos.

Por último, mas certamente não menos importante, temos a tradução de Cristiane Xerez Barroso do verbete **Ciência e pseudociência**, de Sven Ove Hansson, publicado originalmente na *Stanford Encyclopedia of Philosophy*. O texto de Hansson retoma o problema da justificação epistêmica das crenças para delimitar as fronteiras entre o saber científico e os demais saberes. Do ponto de vista teórico, promove o avanço da Filosofia da Ciência, realizando contribuições análogas àquelas que o estudo das falácias tem trazido para a Lógica Informal e para a argumentação racional. Do ponto de vista prático, tal reflexão pode ajudar a nos orientarmos sobre um conjunto de temáticas cruciais para a vida privada e pública em nossas sociedades, tais como política climática, políticas ambientais, cuidados com a saúde, testemunho de especialistas a respeito da confiabilidade das evidências, educação científica e jornalismo.

Qualquer trabalho envolve muitas mãos e mentes. Não seria diferente no caso do Dossiê



que ora vem a público. Antes de finalizar, não poderíamos deixar de agradecer profundamente aos(às) pesquisadores(as) que aqui contribuíram conosco; ao convite feito pelo Editor-Chefe da *Araripe: Revista de Filosofia*, Nilo César Batista da Silva; ao Escritório Aldemir Martins e ao Museu de Arte da Universidade Federal do Ceará (Mauc), por disponibilizarem a obra *O Galo* (1977), de Aldemir Martins, para ilustrar o *Dossiê Negacionismo sob Múltiplos Olhares*; e a Apiano Morais, que nos brindou com sua sensibilidade artística ao fazer a nossa capa.

Em certa ocasião, Aldemir Martins⁶ nos lembrou que o “quadro não acaba nunca, quanto mais você mexe, mais ele surge”. Aproveitamos o seu raciocínio para encerrar a nossa edição temática, na esperança de que o público a ache tão multifacetada quanto o caleidoscópio cromático do nosso mestre cearense. Dedicamos o presente Dossiê às centenas de milhares de pessoas que perderam a vida durante a pandemia de Covid-19 e às inúmeras outras que continuam chorando seus mortos. Também homenageamos aqui a memória de Keyvylane Abreu da Costa.

Após as tenebrosas décadas da Ditadura Militar e os tempos sombrios recentes, a Arte não nos permite esquecer de que nos humanizamos ao nos apoiarmos no belo, na solidariedade, na memória e no amor à vida. Quiçá os galos do velho Graça & de Aldemir Martins anunciem a aurora de boas novas que temos diante de nós.

Argus Romero Abreu de Morais (Universidade de Buenos Aires)

&

Maxwell Morais de Lima Filho (Universidade Federal do Cariri)

Editores Convidados

⁶Disponível em:

<https://www20.opovo.com.br/app/opovo/vidaarte/2012/06/26/noticiasjornalvidaarte.2866032/2012-2606va01100.shtml>. Acesso em: 16/08/2023.

